

COMO PODEMOS RESPONDER AO RELATIVISMO?

Nos capítulos anteriores, apelamos para o produto das direções recentes na filosofia da ciência. Enquanto o dogmatismo secular cede, seu rival – o relativismo – não parece ser, muitas vezes, um amigo maior da tarefa apologética. Mas, mesmo aqui, encontramos alguns discernimentos intrigantes da filosofia da ciência. Uma raiz do relativismo, que Michael Polanyi critica, é a orientação subjetiva da cultura moderna. O objetivismo falso (i.e., que presume ver o mundo sem qualquer preconceito) é responsável por esse subjetivismo (i.e., acreditar que todo conhecimento é produto das minhas próprias suposições). Os relativistas pós-modernos frequentemente nos dizem que considerar uma declaração-crença como “verdadeira para você, mas não necessariamente para outras pessoas” é pressupor que o conhecimento “objetivo” é o tipo de conhecimento que não precisa ser crido, de fato, por alguém.

Bertrand Russell, um brilhante crítico do Cristianismo do começo desse século, representa este disparate lógico quando diz que a verdade é a correspondência entre as crenças de uma pessoa e os fatos reais. Mas isso pede a pergunta, “Como posso entrar em contato com um ‘fato real’ e reconhecê-lo como tal?” Onde é esse lugar, essa perspectiva da qual o eu isolado tem acesso aos “fatos reais” que não são relacionados às “crenças” de pessoas reais com os pés no chão? É esse disparate lógico que faz com que seja possível para pessoas como Russell afastar as alegações cristãs para a “opinião”, simplesmente porque confundiu suas crenças com os “fatos reais”. Na verdade, ele não tem um acesso melhor aos “fatos reais”, fora de seu próprio mundo interpretativo, do que os crentes cristãos.

O Bispo Lesslie Newbigin faz uma observação útil aqui: “Quando digo ‘Creio’, não estou meramente descrevendo um sentimento íntimo ou uma experiência: Estou afirmando o que creio ser verdade e, conseqüentemente, o que é verdade para todos... Se me reprimo do exercício, se tento manter minha crença como um assunto privado, ela não é uma crença na verdade”.

Para ilustrar esse ponto, poderíamos nos referir à crença em Papai Noel versus a crença em George Washington. Se desmentir a realidade de Papai Noel, posso ainda aceitar sua existência simplesmente por gostar do que ele representa? Alguém pode facilmente dizer “Ainda creio no Papai Noel”, querendo dizer “Ainda creio na ideia que o Papai Noel representa”, mas isso está a uma longa distância do tipo de crença que alguém tem na realidade histórica de George Washington. Se o Cristianismo repousa seu caso em eventos públicos, e esses eventos são verdadeiros, então ele é verdade pública. É verdade para todos. É retirado do mundo das ideias, habitado por Papai Noel e similares, e se torna fato histórico, como a vida e a morte do pai da nação americana.

Lição 1

Como mencionado antes, Kant ajudou a lançar o projeto moderno de separação dessas duas esferas, as quais ele chamou de domínio fenomenal (observável) e domínio numenal (espiritual). Embora acreditasse fortemente em ambos, o fenomenal e o numenal, Kant, todavia, declarou que só podemos realmente conhecer a verdade sobre as coisas que pudermos compreender racionalmente ou por meio da experiência empírica. Assim, para Kant, a “ideia” do Papai Noel pode ser verdadeira, mesmo que não haja um fenômeno histórico responsável por ela.

A teologia liberal adotou esse modelo e insistiu no fato de que as alegações históricas de verdade do cristianismo pode ser falsas, mas contêm as “verdades” preciosas que guiam a experiência cristã. E, nessa estrutura, a “fé” se tornou sinônimo de salto no escuro, enquanto o conhecimento pertence à esfera de ação da ciência. Na visão de mundo moderna, o crente religioso deve saltar sobre o abismo que existe entre fé e razão, história e conhecimento. Esse salto é atribuído a um puro ato de vontade, especialmente como pronunciado por Soren Kierkegaard.

Interessantemente, a heresia vem da combinação grega que significa “autoescolha”. Isto é, o herege escolhe por si mesmo no que irá acreditar por um ato de vontade. Como Peter Berger argumenta, isso significa que na era moderna se requer que todos sejam hereges. Cada crença religiosa é um ato de vontade em vez de aceitação da verdade pública. Se isso for verdade, escreve Newbigin, o cristão está pronto para responder:

Ninguém, em nossa cultura, sugere que cada um de nós deveria ter uma física por conta própria ou uma biologia por conta própria. Sabemos, naturalmente, que existe discussão entre físicos e biólogos, justamente como sempre houve discussão entre estudiosos bíblicos e teólogos da igreja. Mas, onde há consenso entre os físicos, como há através da grande extensão de assuntos incluídos, por exemplo, em um livro-texto escolar de física, aceitamos isso como autoritário.

O relativista alega que “uma vez que todo o raciocínio está personificado num contexto social particular, nenhuma alegação de conhecimento da verdade pode ser sustentada”, mas Newbigin responde que isso, em si mesmo, é uma alegação sobre a realidade.

“Qual é o contexto social no qual essa alegação pode ser formulada?” É “o mundo cosmopolita no qual os indivíduos vivem uma existência desarraigada e não têm uma tradição social estável e firme”.

A tarefa do cristão é expor o fato da nossa própria condição social e relativizar o relativismo do relativista! O relativista, na verdade, está correto, num certo sentido, supondo que uma vez que todo raciocínio é socialmente condicionado, nenhuma alegação de verdade pode ser feita. Assim, ele precisa se tornar ciente da condição social que o fez saltar da premissa para a conclusão. A premissa é suficientemente verdadeira, mas dizer que isso significa que nenhuma alegação de



FÉ SEM FILTROS

Questões difíceis, respostas diretas

Lição 1

verdade pode ser feita é meramente dizer que as alegações de verdade só podem ser feitas no vazio.

Faríamos bem em aceitar a advertência de Newbiggin contra recuarmos para dentro de uma cabana isolada e íntima do coração, onde estaremos seguros contra essas questões. Se o Cristianismo é realmente verdade pública, ele deve viver, se mover e existir no mundo real e se colocar de pé diante dos desafios reais nos espaços abertos.

Creio, de Michael S. Horton, Cultura Cristã